



IDENTIDADES CRUZADAS: COMO ALUNOS E PROFESSORES PERCEBEM A ESCOLA?¹

SATIRO DE OLIVEIRA, Samuel
– Faculdade SESI de Educação²

¹ O artigo foi originado de um projeto de pesquisa apresentado no Colóquio da Residência Educacional de 2025 organizado pela Faculdade SESI de Educação, as observações e reflexões foram realizadas a partir do Programa da Residência Educacional.

² Estudante de Graduação no Curso de Licenciatura em Ciências Humanas pela Faculdade SESI de Educação – samuelsatiro80@gmail.com.

RESUMO

Em um mundo atravessado por grandes transformações, as diferentes relações constituídas na sociedade e as formas de ocupação dos espaços sofreram grandes modificações. A escola, enquanto instituição inserida na vida social, também assume uma nova posição perante esse movimento. Por ser um lugar que permite o cruzamento de diversas identidades coletivas e pessoais, vários conflitos são gerados tanto no seu âmbito interno (relação entre os alunos, professores e gestão escolar) quanto no externo (a relação da escola com o seu entorno). Levando em conta esse contexto, e tomando como exemplo a presença de “problemas de comportamento” e “desinteresse” por parte dos alunos, ainda podemos afirmar que a escola é um lugar que potencializa a formação das identidades, ou que esse processo se desloca cada vez mais para fora dos seus muros? A escola ainda é percebida como um lugar de integração social pelos seus atores, ou essa visão começa a ser alterada para um espaço de passagem, impessoal e alheio aos contextos que a atravessam? Nesse trabalho, utilizando o aporte da Geografia Humanista e Cultural, será pensado e discutido qual a presença da escola na constituição das identidades de alunos e professores, bem como da interação dessa com o meio que a cerca e como ela é percebida por este. Por último, uma reflexão será proposta sobre o papel que a escola deve assumir no cotidiano da vida social, permeado de mudanças políticas, sociais e geográficas.

Palavras-chave: Escola e Identidade; Geografia Humanista; Vida Social.

INTRODUÇÃO

O estudo e análise do espaço escolar é alvo de diversos pesquisadores que vão propor reflexões para a compreensão dessa instituição nas relações entre as pessoas. Enquanto instituição inserida nas dinâmicas sociais, debates importantes são levantados como forma de compreender o papel da escola no contexto brasileiro, desde a sua posição na reprodução das estruturas sociais, a constituição das relações de ensino e aprendizagem, a elaboração de projetos pedagógicos, por último, o lugar da educação na construção das relações temporais e espaciais, na constituição das identidades e no acolhimento da diversidade e da diferença.

O foco de reflexão do trabalho busca se relacionar a temática das relações temporais e espaciais e a constituição da identidade e da diferença dentro do espaço escolar. No entanto, algumas questões precisam ser levantadas, como forma de orientar os debates levantados nesse artigo: de que identidade e diferença (Silva, 2000) nós estamos falando? Como vamos compreender as relações entre tempo e espaço na escola? A partir de quais instrumentos conceituais elas serão estudadas? Buscaremos compreender (ou criar caminhos possíveis de respostas) a essas questões.

Inicialmente, é importante evidenciarmos como as questões aqui discutidas foram concebidas: esse trabalho foi inicialmente desenvolvido para a apresentação no Colóquio da Residência Educacional 2025, evento promovido pela Faculdade Sesi de Educação para a exposição das experiências dos alunos na Residência Educacional, programa de imersão, formação e pesquisa dos estudantes da instituição dentro da sala de aula, com o apoio de escolas da Rede Sesi e professores. A partir do 3º Ano da Graduação, os alunos são levados a realizarem suas atividades para escolas públicas e privadas fora da Rede Sesi. A mudança de ambiente possibilitou a formulação de novas questões e novos horizontes de reflexão a respeito das características físicas e sociais dos espaços escolares. Somando-se a isso, devemos levar em conta a participação no GRUGES – Grupo de Estudo de Geografia, Educação e Sociedade, organizado por docentes e discente da Faculdade Sesi e do qual parte do referencial teórico e da linha de análise utilizada nesse artigo foram estudados.

A partir desses elementos, temos como objetivo cruzar os estudos a respeito da construção das identidades e o aporte oferecido pelo campo da Geografia Humanista e Cultural (Holzer, 2016)³, pensando de que maneira produzimos a identidade docente e de estudante dentro do espaço escolar, bem como esse é percebido pelos atores que são atravessados pelas suas relações e pelo seu entorno. Pensamos que essa pode ser uma janela importante para uma pequena contribuição a pesquisa educacional e geográfica, pois mesmo com diversas pesquisas bem consolidadas, como nos é demonstrado a partir dos trabalhos de Oliveira e Moura (2022) e Oliveira, Aguiar e Moura (2024), novos olhares podem ser levantados, procurando levar em conta o que foi produzido anteriormente, ao passo em que buscamos estabelecer novas formas de diálogo entre a teoria e a prática educacional.

GEOGRAFIA HUMANISTA E EDUCAÇÃO: BREVE APORTE TEÓRICO

Durante o decorrer da nossa vida, nos deparamos com várias situações e somos inseridos em diferentes contextos que nos possibilitam desenvolver compreensões distintas a respeito da realidade que nos cerca. Desde os aspectos atrelados as relações sociais e as percepções e sensações que possuímos ao realizar tarefas cotidianas ou visitar locais diferentes de nosso

3 Ver o livro “Geografia Humanista: Sua Trajetória”

itinerário rotineiro, constituímos formas de experienciar o mundo que acontece ao nosso redor e produzimos significados que nos permitem traduzir as dinâmicas da vida cotidiana. Entre outras palavras, a experiência do mundo seria caracterizada como “[...] as diferentes maneiras pelas quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira direta de simbolização” (Tuan, 1986, p.9)⁴.

A partir dessa definição, é possível levantar dois processos que são mediados pela experiência e que são importantes para a escrita desse artigo. O primeiro deles é a percepção dos conceitos geográficos de “espaço” e “lugar”, como nos apresenta Tuan (1983)⁵. Em nosso cotidiano, as duas palavras aparecem de maneira misturada uma com a outra, mas elas apresentam contornos distintos uma da outra. O espaço se apresenta como uma porção onde não se reconhece os limites físicos e simbólicos, por consequência apresenta-se como amplo e abstrato, produzindo sensações de insegurança, ameaça e desconforto. No entanto, a medida em que esses limites vão sendo reconhecidos, se transforma em lugar. A amplitude e abstração se transformam em delimitação e concretude, e as sensações produzidas se tornam segurança, proteção e conforto. Dito de outra maneira, o espaço se torna lugar a medida em que nos envolvemos com eles em nosso cotidiano.

Se a experiência vivida é capaz de nos fazer reconhecer os lugares e as sensações que eles provocam, ela também é capaz de reconhecer os espaços que nos provocam sentimento de anonimato, transitoriedade e passagem? Há alguma contextualização para esse tipo de espaço? Aproveitamos as perguntas para apresentar um novo conceito importante para essa análise: o Não-Lugar (Augé, 2012).

Da mesma maneira em que ocorre a relação entre espaço e lugar, diversas características definem os dois conceitos discutidos na obra de Augé (2012)⁶. A definição de lugar (ou lugar antropológico) nesse caso dialoga e se aproxima com a definição da mesma palavra acima (Tuan, 1986). Os lugares se constituem em espaços com limites definidos e uma forma geométrica, possuem significado histórico tanto para os indivíduos quanto para os grupos sociais que se organizam, vivenciam esse espaço e constroem suas relações sociais, o que permite o desenvolvimento das identidades individuais e sociais (coletivas). O conceito de identidade também é importante para o desenvolvimento desse trabalho, e retomaremos a sua análise em um momento posterior.

O contraste principal na obra de Augé (2012) é a definição do conceito de Não-Lugar. Ele não surge necessariamente como um antagonista ao lugar, mas destaca uma característica e sensação que não é produzida pelo lugar: a aparência de neutralidade. O Não-Lugar é um espaço que produz certa aleatoriedade entre os indivíduos/grupos sociais, se apresentando como um espaço neutro ou passageiro, entre outras palavras “[...] os não lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente aos seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não lugares criam tensão solitária.” (Augé, 2012, p.87). Relação essa que é mediada pela linguagem (nesse caso, por palavras e textos).

Augé (2012) coloca o fenômeno do não lugar como parte daquilo que será entendido como supermodernidade, definido como o avanço exagerando dos preceitos desenvolvidos pela modernidade tanto em aspecto filosófico quanto social (em especial a ênfase na racionalidade e a transformação das atividades humanas em utilidade), o que levaria a transformação de todos os espaços em não lugares. Em outras palavras, os espaços seriam racionalizados em sua raiz e cumprindo uma função específica, o que reduziria o caráter histórico e antropológico dos

4 Grifo do autor

5 Livro “Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência”

6 Ver o livro “Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade”

lugares.

Como destacamos anteriormente, o conceito de identidade apresentado no trabalho de Augé (2012) adquire importância considerável para a construção das relações sociais e o reconhecimento dos lugares e não-lugares. Nesse caminho, cabe a nós também pensarmos esse conceito nas reflexões que estão colocadas nesse artigo. Para Silva (2000), a identidade não é apenas a forma como eu me reconheço e reconheço apenas o outro, mas um processo que é produzido no meio social a partir de uma série de operações de linguagem e construção simbólica. A partir do momento em que se reconhece a identidade de modo afirmativo, essa afirmação se sustenta a partir da negação de outros que não são classificados da mesma maneira.

Nesse sentido, “A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que a sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas.” (Silva, 2000, p.81)⁷, com isso, “A afirmação das identidades e a enunciação das diferenças traduzem os desejos dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir acesso privilegiado aos bens sociais” (Silva, 2000, p.81)⁸. Em outras palavras, a formação das identidades e delimitação das diferenças, como colocado por Silva (2000), é um processo de exercício das relações de poder.

Como um exemplo evidente dessa relação entre identidade, linguagem, reconhecimento e poder, desenvolveremos a noção de crise de identidade (Fanon, 2020), da qual a partir do momento em que eu estou inserido em um espaço e sou reconhecido como diferente a ele, o indivíduo busca se adequar a linguagem e a tentar produzir uma imagem de si que se assemelha com o grupo social e os indivíduos inseridos nesse local. No entanto, mesmo com essa tentativa de adequação a linguagem, o indivíduo ainda permanece diferenciado. O processo se torna ainda mais agressivo quando ao retornar a outro espaço em que o sujeito é reconhecido de uma maneira, ele também é diferenciado por ter incorporado outra linguagem, gerando uma espécie de crise na pessoa.

Essa noção desenvolvida por Fanon (2020) ao analisar a dimensão psicológica das relações raciais nas sociedades⁹, unido com as definições de identidade e diferença localizadas por Silva (2000) e os processos de reconhecimento do espaço e do lugar (Tuan, 1983) e do não lugar (Augé, 2012) nos permitem compreender que o reconhecimento dos lugares em que estamos inseridos e dos espaços transitórios também são atravessadas pelas relações de poder que constituem as relações entre identidade e diferença. A maneira como “eu” sou reconhecido e diferenciado impacta na maneira como “eu” me sinto e me percebo nos espaços em que estou inserido, levando a compreendê-los como lugares de acolhimento, de insegurança ou neutralidade. Os instrumentos teórico-conceituais apresentados nessa seção do nosso trabalho são importantes para compreender que o espaço escolar e as identidades que são construídas em seu interior são socialmente constituídas a partir das vivências cotidianas que são possibilitadas dentro e fora de seus limites. A análise a seguir busca colocar esses conceitos em diálogo, buscando relacioná-los ao dinamismo social que a instituição escolar representa na sociedade.

ESCOLA, IDENTIDADE E LUGAR: UMA BREVE ANÁLISE

Diante das transformações ocorridas nas instituições e na vida social, a escola passou por diferentes conflitos que buscaram localizá-la e caracterizar o seu papel perante os indivíduos e grupos que se organizam e vivenciam esse espaço. A identidade docente (do professor) e discente (do aluno) se origina da confluência de processos políticos e relações de poder que permite o reconhecimento dessas identidades e a sua diferenciação entre os atores que protagonizam e

7 Grifo do autor

8 Grifo do autor

9 Ver o livro “Pele Negra, Máscaras Brancas”

dinamizam as relações dentro de seus muros. Nesse sentido, é possível pensar a escola enquanto um lugar antropológico ou centro de significações (Augé, 2012; Tuan, 1983) a medida em que ela assume um elemento histórico, sociológico e geográfico, permitindo a formação de novas relações sociais para os atores ligados à sua estrutura.

Essa caracterização parte de alguns processos importantes que devem ser considerados: para muitos indivíduos, a escola é o primeiro contato e a experiência com o espaço e a vida pública. Entenderemos como vida pública o estabelecimento de novas relações de poder e autoridade que se deslocam do ambiente familiar, a produção de novas identidades graças ao contato com diferentes vivências e cotidianos e as primeiras tomadas de decisões políticas individuais e coletivas tomam corporeidade dentro dos muros de uma escola. Esses elementos potencializam a constituição das identidades e das diferenças (Silva, 2000), transformando a escola em um lugar com significado histórico e afetivo, um local de pertencimento.

No entanto, da mesma forma que esses processos acontecem dentro da escola, eles também acontecem fora de seus limites. Podemos ser reconhecidos de diferentes maneiras tanto dentro da escola quanto fora dela, levando em conta nossa adequação a padrões de linguagem produzidos no seio das relações sociais (Silva, 2000). Esse reconhecimento pode levar a uma crise de identidade, em subalternização e segregação, ou pode ser transformado em potência, em afirmação e resistência (Fanon, 2020). Nesse sentido, os diversos problemas disciplinares ocorridos nas escolas seriam fruto da ineficácia da disciplina escolar, ou da maneira como essa instituição e espaço é entendida pelos seus atores? Será que levamos em conta o papel que a escola exerce na constituição das identidades?

Em diversos momentos, os professores e estudantes são colocados em diferentes situações que os fazem retomar e refletir as perguntas colocadas acima. O papel do docente é descaracterizado a partir de diferentes imposições culturais e políticas que desafiam sua posição enquanto pesquisador e construtor de uma visão de mundo com os seus alunos. Acompanhando a isso, o alto número de evasões da escola, principalmente na etapa do Ensino Médio indicam que a escola não representa mais um espaço significativo na vivência e construção das relações sociais dos estudantes. É possível dizer, nessas condições, que a escola está perdendo sua dimensão enquanto lugar na vida desses dois atores, a medida em que esse espaço é ocupado (a forma em que os alunos e professores se apropriam da estrutura escolar) e seu uso é planejado por diferentes instrumentos institucionais e sociais, a exemplo de mapas de sala, distribuição e quantidade de alunos nas turmas e organização dos andares da escola.

Ou seja, acreditamos que esteja acontecendo um processo de secundarização do papel da escola na constituição das identidades. A escola se torna um não lugar (Augé, 2012), um espaço onde o estudante não se vê como protagonista de sua construção e ressignificação histórica, mas apenas um corpo descaracterizado e passivo. O professor também é desafiado por esse mesmo desenvolvimento, produto de uma crise de identidade (Fanon, 2020) que atravessa professor e estudante, sob origens de decisões políticas, institucionais e sociais. As identidades ganham potência a partir do momento em que estão do lado de fora da escola, sendo essa um espaço que apenas cumpre uma função específica, isolada do resto da sociedade.

Toda essa construção se encaixa dentro de um debate a respeito de que lugaridades possíveis nós podemos constituir dentro do espaço escolar e de que maneira ele dialoga com o seu entorno. Se buscamos transformar a escola em um lugar de pertencimento e potência, primeiro devemos reconhecê-la enquanto elemento contextualizado na vida dos alunos, professores e da comunidade que a constrói, assim como buscamos aproximar as grandes transformações sociais e políticas que atravessam ao cotidiano da escola e dos indivíduos, assim como o enriquecimento da participação desses atores no planejamento político e pedagógico das escolas e na ocupação desse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perguntas propostas nesse trabalho não vão encontrar respostas definitivas nas linhas aqui escritas. A amplitude de caminhos que podem ser seguidos para as reflexões colocadas abre a possibilidade de desenvolver vários outros trabalhos de mesmo gênero, e mesmo assim, esses caminhos não se esgotariam. A ocupação e uso da escola se torna um tema de pesquisa relevante, ainda mais para um espaço que se ressignifica a cada nova vivência construída em seu interior. O aporte teórico da Geografia Humanista e Cultural (Holzer, 2016) nos permite compreender de maneira mais profunda como essas nuances e afetividades provocadas pela instituição escolar impactam nos indivíduos e grupos sociais que são influenciados e atravessados por ela.

A utilização das contribuições dos autores aqui colocados destaca o papel da escola enquanto uma produção social e política, enfatizando a importância e necessidade da participação coletiva na organização e uso desse espaço, bem como o encorajamento do diálogo entre a estrutura escolar com a comunidade que a cerca e com seus atores internos. Uma escola deve se relacionar com o território que atende e permanecer contextualizada para seus alunos e professores, ou então será percebida como algo alheio a realidade dos estudantes e do seu entorno. Aqui cabe também pensar a importância da *práxis* (associação entre teoria e prática) que é desenvolvida pelos professores, gestão escolar, discentes e suas famílias (que pode ser aprofundada em outro momento).

Se a reflexão aqui proposta foi capaz de abrir uma pequena porta de reflexão entre professores e alunos, cabe aqui o incentivo de continuar desenvolvendo trabalhos de pesquisas e análises que busquem entrelaçar os instrumentos conceituais utilizados com a realidade de diversas escolas espalhadas pelo país. A partir desse artigo e de outros trabalhos, podemos criar um ambiente reflexivo que busque se relacionar com a escola e propor novos horizontes para o planejamento político e educacional de acordo com os diferentes contextos culturais, políticos e sociais de alunos e professores. Agradecemos a todos aqueles que tenham dedicado um tempo para a leitura desse texto e se colocado em movimento teórico e prático a partir dele.

REFERÊNCIAS

A PRODUÇÃO social da identidade e da diferença. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. cap. 2, p. 73-102.

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução: Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução: Sebastião Nascimento, Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

HOLZER, Werter. *A geografia humanista: sua trajetória*. Londrina: EDUEL, 2016.

OLIVEIRA, Larissa Alves de; AGUIAR, Felipe Costa; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. NEM MESTRE, NEM APRENDIZ... DASEIN-APRENDIZ: PENSAR O CURRÍCULO ENQUANTO LUGARIDADE. *Cadernos do PET Filosofia*, [S. l.], v. 15, n. 29, p. 120–138, 2024. DOI: 10.26694/cadpetfilo.v15i29.5656. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/5656>. Acesso em: 1 nov. 2025.

OLIVEIRA, Larissa Alves de; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Ser-no-mundo no ensinar e aprender geografia: possibilidades para uma educação geográfica humanista e existencial / Being-in-the-world in teaching and learning geography: possibilities for a humanistic and existential geographic education. *Geograficidade*, [s. l.], v. 11, n. 2, 13 set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/47183>. Acesso em: 1 nov. 2025.

TUAN, Yi-fu. Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.